

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Francielle Suenia da Silva (UFPB)¹

Resumo: Como forma de alterar o cenário literário e dar à mulher negra uma nova representatividade de seu corpo, a escritora Conceição Evaristo traz em seus escritos a voz de um grupo que, por anos, teve sobre si a amálgama da objetificação pelo gênero e pela raça. Considerando o que foi posto, o objetivo deste trabalho é analisar os contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Duzu-Querença”, ambos de Conceição Evaristo e que fazem parte da obra *Olhos D’Água* (2015), quanto à representação do corpo como forma de resistência da mulher negra. Para fundamentar a discussão, utilizaremos teóricos a exemplo de Perrot (2003), Gonçalves (2010) e Duarte (2009).

Palavras-chave: Gênero; Raça; Literatura negra de autoria feminina; Conceição Evaristo; Narrativa

Analisar a representação do corpo da mulher negra na literatura brasileira é perceber dois fatores. O primeiro: tanto autores dos primeiros textos da literatura nacional quanto os mais aclamados do século XX representam as mulheres negras como inferiores, tratando seus corpos como objetos e negando-as o direito à maternidade. Dessa forma, observamos que a representação desse sujeito na literatura brasileira foi, por muito tempo, estigmatizada. A carga de preconceito e estereótipos a que mulher negra foi submetida na sociedade refletiu-se na literatura por meio de representações machistas, sexistas e de preconceito racial.

Culturalmente, nas sociedades, o corpo da mulher passou por represálias e forte domínio masculino, o que acarretou em um silenciamento, como aponta Perrot (2003, p.13): “pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. [...] Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto dos olhos e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele”. Não só os corpos são silenciados, mas também as suas donas que devem se resguardar, terem pudor daquilo que carregam, daquilo que são. Além disso, o corpo feminino é o sinônimo do desejo do outro, que, apesar de todos os adornos e todos os panos que o cobrem, é preciso estar atraente ao olhar do homem.

Não só na Europa – local de onde a pesquisadora anteriormente mencionada situa sua pesquisa – mas também no Brasil, as mulheres passaram (e muitas ainda passam) por

¹ Graduada em Letras (UEPB), Mestra em Linguagem e Ensino (UFCEG), Doutoranda em Literatura (PPGL – UFPB), na linha de pesquisa “Estudos Culturais e de Gênero”, sob orientação da Professora Doutora Luciana de Freitas Calado.

um estado obrigatório de mudez. Quando nos referimos às negras, percebemos que elas passaram por processos mais duradouros e fortes quanto ao silenciamento e subordinação ao ser masculino, seja na esfera pública ou privada, tendo seus corpos classificados como abjetos, tanto na sociedade quanto no texto literário. Os corpos abjetos são aqueles considerados como não-pertencentes às regras, os que estão cultural e socialmente marcados como fora dos moldes construídos e determinados pelo viés dominador branco e machista, como afirmaria Judith Butler (2000). Logo, podemos afirmar que, historicamente na literatura brasileira, o corpo da mulher negra foi subjugado, usado como objeto de trabalho e de exploração sexual/erótico, animalizado.

O segundo fator é: considerando a literatura produzida por mulheres negras nas últimas décadas do século XX e a literatura contemporânea, nos deparamos com uma mudança na representação desse sujeito. Nesse caso, verifica-se a autoria da mulher negra como variável importante para essa mudança.

Apesar das dificuldades de mercado, o que acarretou e ainda acarreta em uma invisibilidade na produção literária, há escritoras negra produzindo – não de hoje, pensemos em Maria Firmina dos Reis, no século XIX – textos nos quais uma dupla condição emerge: a de gênero e a de raça. Nesses escritos, é possível perceber pontos de resistência, militância, descrição de um modo de ver o mundo a partir do prisma de uma mulher negra, por meio dos mecanismos próprios à linguagem literária. Dessa forma, tem-se uma escrita evidentemente política, marcada pelas categorias sociais que o grupo de autoras representa.

Essas considerações são relevantes, pois essas escritoras, “embora ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tencionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si e suas africanidades” (SILVA, 2010, p. 19). Ampliando a afirmação posta, dizemos que existe a necessidade de que as mulheres negras escritoras e suas obras ganhem visibilidade no cenário editorial para que suas vozes alcancem novos leitores e propaguem um novo discurso literário acerca desses sujeitos.

Com as articulações do Movimento Negro, juntamente com grupos de escritores no século XX, autoras negras passaram a falar sobre o seu próprio corpo, evidenciando aquilo que lhes fora negado por tanto tempo. Esse foi o caso de tantas mulheres como Mírian Alves, Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Nessas autoras,

encontramos o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, está empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito. Nessas autoras, o ponto de vista interno à mulher afrodescendente põe em cena o lado feminino da exclusão (DUARTE, p. 16)

Dessa forma, percebemos a resistência da mulher negra e sua necessidade de verbalizar poeticamente na literatura seus desejos e vivências.

Os corpos de Natalina e de Duzu

Remetendo-nos à conceição Evaristo e focando em seus textos em prosa, percebemos como a autora das *escrevivências* explicita as vivências das mulheres negras, suas experiências, perspectivas de vida e dá ao corpo desse sujeito uma representação diferenciada.

Em um de seus ensaios disponibilizados em seu blog, a autora pontua o seguinte: “a representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral” (EVARISTO, 2012, p.). Esse é um dos motivos pelos quais o corpo da mulher ocupa um espaço importante nos seus textos, seja evidenciando a maternidade, a sensualidade/sexualidade ou denunciando situações de violências físicas ainda persistentes.

Para exemplificar tais características na escrita evaristiana, vejamos o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente no livro **Olhos d'Água** (2015):

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após o nascimento. As outras barrigas ela odiara. [...] Ficava com o coração cheio de ódio. (EVARISTO, 2015, p. 43)

Corpo e maternidade são coisas inerentemente relacionadas, tanto na vida quanto na literatura, mas é importante perceber quando eles se assumem como forma de resistência da mulher negra. O ponto incomum nessa narrativa é o comportamento de

Natalina nas quatro vezes em que engravidou. Na primeira gravidez ela era ainda adolescente e desesperou-se ao saber da gestação indesejada, fugiu de casa e, quando a criança nasceu, Natalina a deixou com uma enfermeira. A segunda gravidez também foi indesejada, apesar de ela tomar certas precauções. Envergonhada, contou ao homem que estava grávida. Como ela também não queria a criança, a entregou ao pai, Tonho, que nunca entendeu “a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher feliz. Uma casa, um homem, um filho...” (EVARISTO, p. 46).

Aqui, cabe-nos pensar o que diz Djamila Ribeiro em seu livro **O que é lugar de fala?** (2017) acerca do olhar colonizador sob o qual as mulheres negras são expostas. Segundo ela, “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções” (RIBEIRO, 2017, p. 35) e podemos acrescentar que esse mesmo olhar recai sobre os nossos destinos e sobre as nossas vontades, como é o caso da personagem do conto.

Esse olhar colonizador é o olhar regulador do que a mulher pode ou não pode fazer, do que seria aceitável para ela, principalmente, quando se encontra em situações que não seguem o que é considerado padrão, a exemplo da gravidez na adolescência ou o fato de não querer constituir uma família. Esse olhar que regula e determina o que a mulher deve fazer, como se comportar, o que falar e como fazer é constantemente rompido nos escritos de autoras negras através da representação das personagens femininas. Nos textos, como no da escritora em estudo, vemos mulheres em outros espaços e em situações diferentes, fugindo desse olhar regulador. No conto, a forma como Natalina refuta essa visão foi seguindo sua vida, sem marido, família e filho é um exemplo disso. Tal atitude ratifica o que diz o pesquisador Eduardo de Assis Duarte:

uma nova mulher e um novo homem vêm surgindo aos poucos nos escritos de autoria afrodescendente. E surgem para agregar um perturbador suplemento de sentido ao conjunto de figurações marcadas desde sempre pela expressão das fantasias sexuais aqui plantadas pelo discurso colonizador (DUARTE, 2009, p. 17).

O discurso e o olhar colonizador condenam práticas de vida e sobrevivência do povo negro. A literatura afro-brasileira emerge, portanto, nesse cenário, como uma forma de subversão, não de submissão e subserviência.

A terceira gravidez de Natalina foi diferente das anteriores: ela serviu como barriga de aluguel para o casal de patrões. Os sentimentos de vergonha e de dívida aumentavam

desde o dia que a ideia lhe fora sugerida até o dia do parto e da entrega da criança aos pais. Porém, esses sentimentos não estavam mais presentes com a protagonista durante sua quarta gravidez.

Natalina foi surpreendida, em sua casa, por homens que procuravam seu irmão – familiar que Natalina não sabia se tinha, uma vez que havia deixado a cidade natal há muito tempo. Por dizer que não sabia desse suposto irmão, ela foi levada amarrada, vendada e à força pelos criminosos, em um carro. Em um dado momento do trajeto, Natalina foi estuprada. Conseguiu atirar no homem que a violentou, matando-o e fugindo em seguida. Surpreendentemente, ao descobrir-se grávida, Natalina quis e esperou ansiosa pela chegada dessa criança.

Essa liberdade de querer para si uma criança gerada em momento de violação do corpo da mulher suscita a discussão: até que ponto um ato que fere o corpo, o psicológico de uma pessoa, pode ser transformado em um gesto de liberdade para uma mulher? Podemos perceber, no conto, que a figura masculina (ou a de pertença ou de dívida a alguém) atormentava Natalina. Pelo fato de o homem que a estuprou ter sido morto por ela, anula-se a presença masculina – na condição de pai -, o que dá espaço para que a protagonista retomar o controle de sua vida, sem a necessidade de se voltar a alguém para tomar suas decisões, principalmente, quanto ao seu corpo. Diferentes das outras vezes em que sentia vergonha, agora Natalina

Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. Lembrava de Sá Praxedes e sorria. Aquela criança, Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca. Um dia, quando era quase menina ainda, saíra da cidade onde nascera fugindo da velha parteira. Agora, bem recentemente, saíra de outra cidade fugindo do comparsa de um homem que ela havia matado. Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte (EVARISTO, 2015, p. 50).

Dessa forma, ao anular a figura masculina, ela retira de si todas as dívidas sociais que estavam sobre ela, todas as formas de opressão. Não havia pessoa ou parte da sociedade a quem ela deveria agradecer ou prestar contas, ela estava feliz consigo mesma e com aquela criança.

Em “Duzu-Querença”, conto também publicado no livro **Olhos D’Água**, Conceição Evaristo “subverte o conhecimento do glamour com que a literatura canônica recobre muitas vezes a representação da prostituta” (DUARTE, 2009, p. 16) e evidencia situações de violência. Ainda muito nova, Duzu trabalhou em uma casa de prostituição para onde fora levada no primeiro momento com a intenção de aprender a ler, mas não foi isso que fizeram com a menina. Nunca mais viu os pais e nunca fora alfabetizada. Naquele lugar, ela trabalhou, inicialmente, como faxineira e depois como prostituta. Viu naquele emprego uma forma de ganhar dinheiro, mas que não era forma de viver, pois “Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2015, p. 34). O corpo de Duzu era o corpo do prazer e da violência, no qual havia uma troca desleal: ela dava prazer para o Outro, mas, em troca, era violentada.

Apesar das circunstâncias, Duzu teve nove filhos e muitos netos. Mesmo em condições precárias de pobreza e prostituição, a personagem foi mãe de seus filhos. A maternidade não lhe foi negada, assim como a continuação de sua história e da história de seus antepassados, representada por sua neta Querença:

Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido... (EVARISTO, 2015, p. 34)

A linguagem utilizada por Conceição Evaristo, neste conto, apresenta a importância da maternidade, tanto para que a mulher tenha descendentes, como também uma forma de manter e passar saberes da cultura negra brasileira. Tal situação apresenta um lirismo que tem como foco a “afetividade do sujeito que evoca frequentemente as suas relações familiares, tendo como centro a figura materna” (GONÇALVES, 2010, p. 266). Dessa forma, nos deparamos com a maternidade vista a partir de um viés político e literário que dá legitimidade à mulher negra na condição de mãe dos filhos que ela deseja ter. Essa característica concede à personagem feminina tanto a possibilidade de posicionar-se

frente às adversidades que atingem a comunidade negra quanto a de falar sobre as peculiaridades de ser mulher e ser negra.

Além do valor estético, a literatura negra produzida por mulheres se constitui como uma das formas de resistência e militância, e a representação do corpo confirma isso, pois essa categoria ocupa um espaço significativo nos textos de autoria feminina negra brasileira, seja para evidenciar a maternidade (não a procriação ou a condição de mãe de filho de terceiros), a sensualidade/sexualidade ou para denunciar situações de violências físicas ainda persistentes.

Com a representação do corpo da mulher negra tanto em “Quantos filhos Natalina teve?” quanto em “Duzu-Querença”, Conceição Evaristo rompe com paradigmas da literatura hegemônica ao construir personagens femininas que não atendem às expectativas do posicionamento convencional esperado de uma mulher negra nos textos literários. Essas mulheres – de autoras a personagens – desconstruem estereótipos ao apresentarem novas formas de se estar na sociedade. Há, portanto, uma mudança de perspectiva acerca da escrita e da representação. Dessa forma, a autoria funciona como ato de resistência e de ressignificação da memória e do corpo da mulher negra, buscando desconstruir formas equivocadas de se pensar e representar esse sujeito na literatura.

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org). *Pedagogias da sexualidade*. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Disponível em: < http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf> Acesso realizado em 20 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma escrevivência de dupla face*. 2012. Disponível em <nossaescrevivencia.blogspot.com>. Acesso realizado em 16 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

GONÇALVES, Virgínia Maria. A poética de inscrição feminina dos Cadernos Negros. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. (org). *Um Tigre na Floresta de Signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda de; SOILET, Rachel (orgs.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de Autoria Feminina Negra: (des)silenciamentos e ressignificações. Disponível em <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/38>> Acesso realizado em 20 de agosto de 2017.